

## UMA PERSPECTIVA DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA BASEADA NOS FUNDAMENTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA<sup>1</sup>

### *A PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING PERSPECTIVE BASED IN THE FOUNDATIONS OF SOCIOLINGUISTICS*

Francisca Brasil Fagundes Neta<sup>2</sup> e Célia Helena de Pelegrini Della Múa<sup>3</sup>

#### RESUMO

O atual trabalho com a língua portuguesa nas escolas brasileiras focaliza, com raras exceções, o ensino da língua numa visão prescritivista, fortalecendo a proposta opressora e menos libertadora na relação ensino-aprendizagem. Considerando o contexto escolar atual e o ensino de língua materna, o professor, no seu trabalho docente, necessita adotar um ensino da língua mais funcional do que estruturalista-formal; tal atitude é importante para uma escola que serve às camadas diversas que constituem a escola de hoje. Diante desse quadro escolar, o que se enfatiza nesta pesquisa é uma perspectiva de ensino que priorize as várias funções que a língua exerce na sociedade, ou seja, propõe-se o reconhecimento da diversidade linguística existente em qualquer comunidade de falantes. Isso se constitui numa proposta dinamizadora e inovadora para um ensino de língua portuguesa nas escolas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais já preconizam o ensino da variação linguística desde as séries fundamentais, entretanto não é uma tarefa adequadamente cumprida até o momento. Como forma de comprovação empírica desta proposição de ensino da língua portuguesa, 30 alunos de uma escola de Santa Maria/RS, da 5ª série, 6º ano, do Ensino Fundamental, foram instigados a trabalharem com gêneros textuais, cuja característica principal era apresentar variações linguísticas ligadas ao meio sociocultural dos falantes. Os alunos não só interpretaram como também produziram textos que apresentavam tanto a língua padrão como a coloquial. Os resultados comprovaram a eficácia do ensino por intermédio do trabalho com os conhecimentos ligados à sociolinguística, já que os alunos conseguiram transpor os conhecimentos adquiridos para outras produções textuais escolares.

**Palavras-chave:** sociolinguística, Língua Portuguesa, ensino.

#### ABSTRACT

*The current work with the Portuguese language in Brazilian schools focuses, with rare exceptions, on the teaching of language with a prescriptive vision, which strengthens the oppressive and less liberating proposition in the teaching-learning relationship. In considering the current school context and the teaching of the mother tongue, teachers need to adopt a more functional language teaching rather than a structuralist-formal one; such an attitude is important for a school that serves the various social layers. Given this educational framework, what is emphasized in this research is an educational perspective that prioritizes the various roles that language plays in society, that is, linguistic diversity needs to be recognized in any community. This proposition is proactive and innovative for the teaching of Portuguese in Brazilian schools. The National Curriculum Standards recommend the teaching of linguistic variations since elementary school. However, this task has not been properly fulfilled so far. 30 students of a school in Santa Maria, RS, in the 6th year of school were encouraged to work with genres, whose main characteristic was*

---

<sup>1</sup> Trabalho Final de Graduação - TFG.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Letras: língua portuguesa - Centro Universitário Franciscano. E-mail: franciscaroath@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora - Centro Universitário Franciscano. E-mail: celiahp@terra.com.br

*to present some linguistic variations related to their socio-cultural environment. The students interpreted and produced texts in the standard and the colloquial variation of Portuguese. The results proved the effectiveness using sociolinguistics for teaching language, since the students were able to apply what they learned to other textual productions.*

**Keywords:** *sociolinguistics, Portuguese, teaching.*

## INTRODUÇÃO

O atual contexto escolar<sup>4</sup> privilegia o ensino da norma culta sem considerar as possibilidades de uso das variações que a língua comporta. Entende-se como correto o ensino da língua padrão; entretanto, o trabalho com as variações pode ser um aliado no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, justifica-se a realização desta pesquisa por abordar os fenômenos linguísticos ligados às variedades, o que não exclui o trabalho com a língua culta, mas insere a norma culta como um dos usos possíveis.

Com este trabalho, propõe-se uma reflexão sobre as diferentes linguagens existentes no meio social, levando-se em conta a realidade histórico-cultural e econômica dos falantes pertencentes a uma determinada classe social. No sentido de desmitificar a ideologia que se tem em relação à língua considerada legítima (reconhecida pela sociedade), que é a norma culta padrão, com a realização desta pesquisa, busca-se levar ao ambiente escolar a visão da multiplicidade dos aspectos linguísticos que compõe a língua portuguesa.

Tem-se por propósito desenvolver uma perspectiva de ensino da língua portuguesa fundamentada nos pressupostos da sociolinguística, enfocando o trabalho com a língua em diversos contextos de uso. Para isso, elaborou-se uma proposta de trabalho didático que abordou a variação linguística em sala de aula, considerando o gênero Histórias em Quadrinhos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### CONTEXTO ESCOLAR E ENSINO

Na prática pedagógica nas escolas brasileiras, principalmente no ensino de língua materna, não há uma associação por parte dos docentes entre a sociedade e a língua, ou seja, falta a adoção de uma perspectiva social na escola referente ao uso da linguagem. Segundo Soares (1989), o ensino da língua materna deve ser resultado da contribuição da sociologia, da sociologia da linguagem e da sociolinguística, pois, para se obter um ensino de língua materna com resultados positivos, é

---

<sup>4</sup> Segundo a UNESCO, o Brasil ocupa 88º lugar no *ranking* da educação. Seu desenvolvimento na área é considerado de nível médio, fica atrás do Chile, da Argentina e até mesmo do Equador e da Bolívia (PINHO, 2011).

necessário que o educador leve em consideração todas essas ciências citadas, porque elas são primordiais para o contexto educacional.

A autora faz uma análise das teorias que circundam as propostas pedagógicas escolares e descreve os baixos índices de rendimentos da escola no Brasil. Acrescenta que é preciso entender o caráter político-ideológico do uso e ensino da língua na escola, para se ter um ensino competente na educação das classes populares. A relação entre a linguagem e a classe social deve ser compreendida pelo educador como um dos fatores que causam as desigualdades sociais existentes em nossa realidade. O não manuseio adequado da linguagem leva o aluno de classe menos favorecida a ficar em desvantagem em relação ao de classe dominante, que possui linguagem e bens culturais aceitos e reconhecidos por toda a sociedade.

Através dessa percepção, deve-se entender que a educação pode ser um processo de transformação social, por meio do qual o aluno seria valorizado como um indivíduo que possui uma língua materna e, para adquirir o capital cultural (isto é, a cultura considerada legítima), deveria se apropriar da variedade linguística considerada culta, sem desmerecer a sua língua de origem. O aluno, no decorrer de sua aprendizagem, deve perceber o lugar que ocupa a sua variação linguística nas estruturas sociais, econômicas e políticas. Conforme o caso, é preciso compreender as razões dessa língua ser desprestigiada dentro de uma sociedade dominante.

Constitui-se tarefa do docente inserir o aluno num bidialetismo, conceito entendido como uma proposta de ensino que parte da concepção da variabilidade linguística, em que o docente, em suas práticas pedagógicas, deve abordar duas variantes da língua, a culta e a popular, não para sua adaptação, mas para transformação da sua realidade. No Brasil, tem-se a variedade padrão que se impõe a outras variedades linguísticas, mas que, ao mesmo tempo, deve respeitar a pluralidade cultural existente no contexto educacional.

Em Freire (1970), o autor descreve a importância de ensinar mediante aquilo que está no contexto sociocultural do indivíduo, portanto, como se pode falar de uva, se nunca viram uva no Nordeste do Brasil, seria válido e de fácil compreensão ensinar sobre a terra, a seca, aquilo que está no dia a dia. Então, ao abordar a questão da variação linguística, deve-se partir do conhecimento prévio. De acordo com os postulados de Freire (1997, p. 27), “ao fazer o seu discurso ao povo, o educador esteja a par da compreensão do mundo que o povo esteja tendo. Compreensão do mundo que, condicionada pela realidade concreta que em parte a explica, pode começar a mudar através do concreto.” Sendo assim, salienta-se a importância de se conhecer a realidade de cada aluno para que se faça um discurso menos autoritário e sectário. Ao estabelecer-se um diálogo com o outro e, assim, a fazer uma ponte entre o mundo conhecido com o desconhecido, o aluno torna-se, então, sujeito de sua própria aprendizagem.

## UMA CIÊNCIA COMPROMETIDA COM A CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA

A sociolinguística é considerada uma ciência interdisciplinar, por abranger várias áreas do conhecimento, pois contempla os fatores sociais, culturais, políticos, históricos e econômicos que constituem uma comunidade linguística. Como aspectos preponderantes na análise e descrição de uma língua, esses elementos evidenciam a língua falada em seu contexto de uso. Essa ciência faz compreender o processo dinâmico e heterogêneo na relação existente entre língua e sociedade, denunciando formas obsoletas que estão impregnadas de concepções ideológicas, opressoras e excludentes. Segundo os postulados de Mussalin e Bentes (2001, p. 32), a sociolinguística estuda a diversidade linguística, pois o que interessa para essa ciência é o erro que a própria gramática normativa condena. Sendo assim, as autoras afirmam que

ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência da diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes maneiras de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a sociolinguística reserva o nome de variedades linguísticas. O conjunto de variedades linguísticas utilizado por uma comunidade é chamado de repertório verbal (MUSSALIN; BENTES, 2001, p. 32).

A sociolinguística ajuda a entender a língua como um instrumento de comunicação que permite a qualquer cidadão, sem considerar a sua condição social ou cultural, expor suas ideias e crescer intelectualmente. Dessa forma, o cidadão será respeitado nas relações que estabelece com sua língua de origem, a qual não será estigmatizada, contudo considerada como mais uma forma de expressão que exigirá do falante uma postura seletiva, diante das circunstâncias do meio social.

De acordo com Ferreira e Cardoso (1994), antes da sociolinguística se fixar como ciência, a dialetologia já analisava a língua segundo alguns aspectos como: diferenças sociais e profissionais, nível de escolaridade, faixa etária e sexo. Mas foi na década de sessenta, do século XX, que a variação linguística passou a ser estudada a partir das causas sociais.

Para o complexo estudo da heterogeneidade linguística, nos estudos sociolinguísticos, encontra-se a subdivisão dos processos de intercomunicação. Ferreira e Cardoso (1994, p. 37) consideram que esses processos são entendidos em unidades ou sistemas (diatópico, diastrático), para revelar a verdadeira natureza dos fatos linguísticos analisados. Isso foi um avanço, bastante expressivo, para os estudos da língua, pois conferem especificidade conceitual para os estudos na área.

### **Variação Diatópica**

A variação linguística decorrente das mudanças no espaço geográfico ao qual pertence o falante é denominada diatópica, conforme afirmam Mussalin e Bentes (2001, p. 37). Essa variação ocorre em todos os níveis de análise linguística, mas as diferenças lexicais ou fonéticas em relação à outra comunidade linguística são as mais evidentes, pois cada região manifesta um repertório verbal.

Como exemplo, há diferenças lexicais, de uma região para outra: a palavra “cacetinho,” para as pessoas da região Sul, designa uma qualidade de pão, já em outra região do Estado, esse mesmo pão é denominado “pão francês”. Outra variação seria no plano fonético: a pronúncia com “s chiado” representa os falantes de algumas regiões do sudeste e norte do nosso país. Há também a variação semântica que, segundo Bagno (2003, p. 83), consiste no fato de uma mesma palavra obter significado diferente dependendo da região do falante, cita como análise a palavra “vexame” que pode significar “vergonha” ou “pressa”, dependendo da região. Essas variações, conforme já referido, ocorrem também no plano sintático, morfológico e, por último, estilístico- pragmático.

## **Variação Diastrática**

A variação diastrática ou social depende de alguns fatores extralinguísticos como: estratificação social, idade, sexo e contexto social. Esses fatores são primordiais para identificar a variabilidade linguística em uma comunidade de falantes.

Mussalin e Bentes (2001, p. 35) fazem uma exposição desses diversos fatores, caracterizando-os em suas observações. Quanto à classe social, as autoras afirmam que as diversidades se dão conforme a escala social que o falante ocupa. Se estiver ocupando a base da pirâmide social, apresentará uma variação mais coloquial. Como exemplos dessa variação, citam o uso de dupla negação, como em “ninguém não viu” e o rotacismo, a troca do “r” por “l”, blusa por brusa, que caracteriza a fala das pessoas menos prestigiadas socialmente.

A idade é um fator importante para a identificação da variabilidade linguística. Observa-se que, geralmente os jovens usam uma linguagem nova, como a gíria, que é um linguajar que vai e volta renovado. Um exemplo é o vocábulo “maneiro” com o sentido de legal, positivo em relação às pessoas e os objetos. Entre os falantes mais velhos, a lateralização do fonema no final das palavras produz uma sonoridade que caracteriza os mais velhos.

Segundo Mussalin e Bentes (2001, p. 37), o pronome de primeira pessoa “eu”, usado por todos os falantes no português, apresenta as formas “atashi,” usado, somente, pela fala feminina, e “boku”, para a masculina na língua japonesa. Esses exemplos evidenciam a diversidade de aspectos que envolvem a compreensão dos fenômenos linguísticos. Qualquer falante, na interação social, depara-se com uma diversidade de situações comunicativas, que se caracteriza pela formalidade e informalidade dos ambientes comunicativos. De acordo com Mussalin e Bentes (2001, p. 37),

aprende-se falar na convivência. Mas, mais do que isso, aprendemos quando devemos falar de um certo modo e quando devemos falar de outro. Os indivíduos que integram uma comunidade precisam saber quando devem mudar de uma variedade para outra.

Nesses diversos contextos de uso, deve-se ter uma noção de situação comunicacional, das convenções sociais que exigem do falante um comportamento diferenciado nas interações verbais.

## CÓDIGO ORAL E CÓDIGO ESCRITO

A linguagem verbal é composta por duas modalidades: a oralidade e a escrita. Cada uma delas tem suas peculiaridades, que comportam algumas características de uso que dependem das situações e contextos comunicativos. A língua oral, por exemplo, depende das diversas circunstâncias, como grau de formalidade, profissão, estratificação social, espaço geográfico, identidade do falante etc. Já a língua escrita comporta uma gama de processos textuais que possibilitará ao emissor expor formalmente ou informalmente sua linguagem que dependerá dos seus propósitos comunicativos. Observa-se, conforme a tabela 1, que tanto a língua oral quanto a escrita sofrem variações.

**Tabela 1** - Características do código oral e código escrito.

Código oral	Código escrito
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Possibilidades de uso: conversa entre familiares, roda de amigos, salas de consultórios, em viagens, diálogo de vendedor com cliente, manifestações públicas, etc.</li> <li>• Linguagem informal; pouco elaborada, não planejada, expressões pitorescas, gírias, redundante, menor densidade lexical, incompleta.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Possibilidades de uso: as cartas de amor, familiar, bilhetes, convites, panfletos, livros, resenhas, artigos, letreiros, recados, criações literárias, etc.</li> <li>• linguagem formal; policiamento quanto aos padrões gramaticais, implícita, densidade informacional, predominância de frases mais complexas, presença de orações subordinadas.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Palavras e sintaxe mais comuns e de compreensão geral, vocabulário acessível, não especializado, linguagem com pouca flexibilização no uso de regras gramaticais, menor densidade lexical.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Linguagem cuidada, com flexibilização no uso de algumas normas gramaticais, contextualizada, maior densidade lexical, não fragmentada.</li> <li>• Frases mais elaboradas, reveladoras de raciocínio lógico organizado e de capacidade de abstração, vocabulário mais raro, erudito, linguagem mais cuidada obedecendo aos padrões da norma padrão. Sintaxe elaborada, linguagem mais técnica e científica, não fragmentada, mais completa;</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Koch (2000).

Como afirma categoricamente Cagliari (1995, p. 117), “é uma ilusão pensar que a escrita é um espelho da fala. A única forma de escrita que retrata a fala, de maneira a correlacionar univocamente letra e som, é a transcrição fonética.” Então, o desconhecimento dessas características que envolvem os dois códigos (oral x escrito) faz das práticas educativas um descompasso com a realidade linguística do aluno, o qual possui uma bagagem de conhecimentos, formula hipóteses e relaciona-se com o mundo através da linguagem.

A fala é espontânea, ou seja, não planejável, pois sua natureza é interacional sofrendo mudanças no processo de discussão verbal. O planejamento e a verbalização ocorrem quase que simultaneamente. O contrário acontece com a escrita que exige do emissor um planejamento antecipado

do discurso, cujos processos textuais sofrem constantes correções e reformulações, porque a escrita é dependente de uma institucionalização gramatical que deverá ser respeitada, conforme a relevância do discurso textual.

## INTER-RELACIONAMENTO LINGUAGEM, ESCOLA E ENSINO

Sob a perspectiva de ensino, compreende-se que o processo de transformação da língua oral para a escrita necessita de trabalhos coerentes com a realidade do contexto escolar.

O docente, no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa, pode mostrar ao aluno como a linguagem humana se desenvolve em diversos contextos de uso, o que a sociedade espera do falante em determinadas situações, fazendo com que o aluno reflita sobre a sua linguagem em relação às outras formas de expressão. A escola deve levar o educando a perceber que ele não fala de uma única forma; existem variedades linguísticas e essas variedades influenciam em sua vida.

Embora haja uma única forma escrita para representar os diferentes dialetos, a sociedade institucionalizou como regras ortográficas um registro que considera a norma em relação às possibilidades de variação existentes na língua. A questão normativa precisa ser apreendida para que se possa comunicar com todos os segmentos da sociedade.

De acordo com Bechara (1987, p. 40),

cabará ao professor e à escola como um todo transformar o aluno num poliglota dentro de sua própria língua histórica - a portuguesa, em nosso caso. Por outro lado, os objetivos da educação linguística não se esgotam aqui, mas prosseguiram no esforço metódico e sistemático de permitir ao aluno cabal controle das diversas funções da linguagem na utilização dos recursos expressivos. Em termos gerais, podemos dizer que o objetivo precípua da escola consiste na formação, aperfeiçoamento e controle de diversas competências linguísticas do aluno.

Entende-se que o aluno precisa desenvolver habilidades cognoscitivas<sup>5</sup> que vão além do saber analisar logicamente uma determinada proposição; muito mais importante que isso, é entender aquilo que está implícito por trás das proposições, os seus aspectos pragmáticos e semânticos. Muitos alunos sabem perfeitamente decodificar o código linguístico, mas poucos conseguem compreender e inferir sobre aquilo que leem. O livro didático poderia ser um aliado do professor e da escola na tarefa de criar leitores conscientes e críticos e escritores com segurança naquilo que produzem.

Numa sociedade dividida em classes como a brasileira, o livro (didático) é considerado discriminatório, pois prioriza somente uma variação linguística, deixando de lado outras variações que não são “elitistas”, embora sejam de fundamental importância para que haja um verdadeiro ensino democrático em sala de aula.

---

<sup>5</sup> Segundo Soares (1989), refere-se à cognição como um dos aspectos importantes para o desenvolvimento do pensamento lógico-formal, ou seja, a capacidade que todo o ser humano tem de adquirir o conhecimento a partir do meio em que vive, sendo por motivos intrínsecos ou extrínsecos leva o indivíduo a aprender.

Segundo Preti (2003, p. 55),

é a norma tradicionalmente ensinada pela escola, embora agora se pense que a função do organismo escolar não seja substituir no aluno a norma popular que ele já traz com sua linguagem falada, pelos modelos da norma culta, mas sim mostrar-lhe que ambas podem coexistir e ser utilizadas na comunicação, conforme as circunstâncias.

É preciso, então, que a escola assuma uma concepção de ensino que valorize a linguagem do aluno proveniente de qualquer classe, visando a um ensino mais eficaz e de qualidade nas escolas brasileiras. Para que isso aconteça, os indivíduos devem se apropriar do dialeto considerado legítimo, ou seja, a norma-padrão, não para substituí-la pelo seu dialeto<sup>6</sup> de origem, mas para adquirir mais um instrumento de comunicação, a fim de ter uma participação nos bens culturais, que são de fundamental importância para o desenvolvimento integral do aluno. Contudo, é preciso que as pesquisas do meio acadêmico estejam voltadas para o contexto de educação. Dessa forma, passa-se a compreender que o conhecimento da língua não se limita tão somente ao ensino da gramática normativa, cujos aspectos abordados pelos professores são de aplicação de regras do bem escrever e falar, tendo como parâmetro apenas a língua culta, confrontando-se com uma realidade que se estabeleceu pós-democratização do ensino, que exige do professor uma abordagem da língua mais libertadora do que opressora.

O professor deve buscar métodos de ensino que estejam inter-relacionados com as novas teorias educacionais, não se permitindo cair nas velhas armadilhas do ensino tradicional. Eis o desafio, que pode ser superado com o uso de diversas estratégias. A escolhida, para fins de desenvolvimento desta pesquisa, foi o trabalho com as Histórias em Quadrinhos.

## HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

As histórias em quadrinhos podem ser um poderoso aliado do professor no ensino de língua portuguesa na escola. Isso dependerá de como é feita a abordagem desse recurso didático nas práticas pedagógicas. Em alguns casos, o professor usa este recurso somente como leitura para entretenimento, sem levar em consideração outros aspectos de análise, como: características dos personagens a partir de atitudes, correntes ideológicas, formas estereotipadas, tipo de linguagem, entre outros fatores. Esses elementos devem ser considerados, pois torna o aluno um cidadão crítico, com discernimento, sabendo estabelecer relações dialógicas com o texto. Então, as histórias em quadrinhos ajudam na formação dos alunos quando há um planejamento coerente com objetivos pré-estabelecidos, promovendo a intercomunicação entre leitor e autor. O leitor, quando instigado à reflexão, não será passivo diante do dinamismo que envolve as histórias em quadrinhos.

Luyten (1984, p. 96) propõe algumas análises de leitura das histórias em quadrinhos para desenvolver e promover a leitura crítica em sala de aula, que podem ser feitas a partir da observação da

<sup>6</sup> Segundo Soares (1989), a denominação dialeto, refere-se às variações linguísticas que compõem uma determinada comunidade de falantes. Conforme os postulados de Dubois et al. (1973), “Dialeto é uma forma de língua que tem seu próprio sistema lexical, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a própria língua.”



forma como são constituídos os desenhos. Como exemplos, a autora apresenta as expressões físicas dos personagens, se são reais ou estereótipos, se a história é dinâmica ou monótona; quanto ao conteúdo, como são descritos os personagens, aspectos físicos em relação ao psicológico, tipo de léxico empregado, emoções que refletem no leitor, como acontece a estratificação social (rico x pobre), quais profissões ganham mais “status”, de que modo o autor representa a cultura das diferentes etnias, a família e suas relações com trabalho, a arte. Tudo isso leva o aluno a refletir sobre a leitura como um processo de interação, em que ele é o elemento fundamental, fazendo-o perceber que o conhecimento só acontece quando se adquire a consciência sobre o próprio saber.

As histórias em quadrinhos já percorreram os continentes despertando no leitor um fantástico fascínio pela forma como são representados os fatos e invenções da humanidade. Tendo um público leitor de várias faixas etárias, elas continuam expressando a arte, dinamismo, em que o leitor se torna um coautor da história num processo antecipatório de ação e movimento.

Num determinado momento, o leitor preenche, no cérebro, os espaços vazios constituintes de um quadro ao outro, dando sequência aos fatos desencadeados pelo enredo quadrinhístico. Ao contrário do que acontece com as novelas, em que o telespectador é passivo e cognoscitivamente dispensado de participar da história. Com isso, não desperta, no interlocutor a imaginação e criatividade.

Diante disso, podem-se explorar, nos quadrinhos, os aspectos históricos, socioculturais, fatos contemporâneos e linguísticos dentre outros, pois, por meio dos quadrinhos, constroem-se conhecimentos que dizem muito, não somente pela sua forma, mas pela autenticidade de quem escreve. Não se pode esquecer que um dos papéis do educador é ensinar os discentes a ler o mundo. Dentro desta proposta, tem-se a certeza de que ao estudar esse gênero, se está fazendo com que os alunos inter-relacionem os acontecimentos da realidade com autonomia, criticidade e, acima de tudo, veracidade.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para realização desta pesquisa, foi coletado um referencial teórico abrangendo algumas concepções de ensino da língua portuguesa, tendo como foco a variabilidade linguística em sala de aula. Os autores que serviram de base foram: Bagno (2003), Soares (1989), Mussalín e Bentes (2001), Freire (1970; 1997), Ferreira e Cardoso (1994) e Cagliari (1995).

Após a fundamentação teórica, partiu-se para a elaboração de uma proposta de trabalho didático, privilegiando-se a variabilidade linguística. Essa proposta foi composta de unidades que abordam a variação linguística como um dos fatores de processo de compreensão do ensino de língua materna nas escolas. Optou-se por histórias em quadrinhos pelo fato de que é uma cultura de massa, ou seja, todos têm acesso, despertam o interesse do educando em lê-las, devido à escrita nos balões que representam a fala dos personagens, deixando a linguagem mais próxima da realidade

vivenciada por eles. As unidades da proposta de trabalho didático foram organizadas cronologicamente, conforme a tabela 2:

**Tabela 2** - Proposta de trabalho didático direcionada a alunos do Ensino Fundamental.

<b>1º momento:</b> exposição de um breve histórico sobre a vida e obra do autor Mauricio de Souza;
<b>2º momento:</b> leitura silenciosa de uma história em quadrinhos do autor;
<b>3º momento:</b> apresentação oral, realizada por alguns alunos, da história em quadrinhos lida;
<b>4º momento:</b> após a leitura (silenciosa e oral), constituir uma listagem das palavras que fogem à norma culta da língua portuguesa;
<b>5º momento:</b> pesquisa em dicionários qual o registro padrão das formas identificadas na atividade 4;
<b>6º momento:</b> no quadro verde, o professor, junto com os alunos, vai recriar o diálogo da história em quadrinho de Maurício de Souza por meio de uma narrativa em linguagem formal.
<b>7º momento:</b> criação das falas de uma história em quadrinho, usando uma variedade linguística que fica a critério do aluno. Uma história em quadrinhos impressa, sem preenchimento dos balões de fala, foi entregue aos alunos, a fim de eles preenchessem os balões com uma história imaginada e escrita por eles;
<b>8º momento:</b> os alunos deverão recriar a história em quadrinhos narrada por eles, com registro de uma narrativa em linguagem formal.

A aplicação da proposta de trabalho didático foi feita numa 5ª série, 6º ano, de uma escola pública de Santa Maria/RS. Os textos analisados foram produzidos por 26 alunos, que redigiram em duplas.

Como última etapa realizada, ocorreu a análise dos dados coletados para a compreensão das multiplicidades de fatores que fazem com que a expressão, por meio da linguagem, seja tão particular e diferente, considerando as possibilidades de usos da língua.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, são registrados os resultados da aplicação da proposta de trabalho didático. Foram coletadas treze histórias em quadrinhos e treze narrativas em linguagem formal que serão descritas e discutidas a seguir, conforme os grupos de trabalho.

**Grupo A** - A primeira produção textual do grupo A revelou a compreensão completa das variações da língua, uma vez que, na oralidade, em todos os balões da história criada pela dupla, o uso da informalidade falada foi registrado. Como exemplos, pode-se citar “*qui*”, “*mi*”, “*ocê*”, este característico do personagem Chico Bento e estendido a seus amigos na fala. Assim, pode-se dizer que as alunas conseguiram estabelecer uma relação coerente entre a linguagem verbal e não verbal, de forma que o registro linguístico em que acontece o diálogo remonta a um ambiente informal. Quanto à proposta de construção de uma narrativa, contando a mesma história, mas sem o apoio da linguagem não verbal dos quadrinhos, faltou coerência na manutenção do diálogo da história narrada pelas alunas, de forma que a construção do sentido mostrou-se falha para o leitor. Entretanto, como o objetivo desta pesquisa é a observação da variabilidade da língua, considera-se que ocorreram desvios linguísticos da norma padrão que são originários da manifestação da língua falada na escrita. Foram dois os registros encontrados: *abril* para o verbo “abriu” e “horror” para o substantivo “*orror*”. Ambos frutos de manifestações fonéticas na escrita.

**Grupo B** - Na história em quadrinhos produzida pelos alunos do grupo B, encontrou-se a perfeita conexão entre o verbal e o não verbal. As falas apresentaram uma variabilidade própria da fala informal dos momentos de descontração. Termos como “estranho” (*istranho*), “ficou” (*fico*) e “dele” (*deli*) marcam a compreensão sobre as variações características da fala. Na passagem da história em quadrinhos para uma narrativa, os alunos tiveram dificuldades em manter a coerência da história, mas a linguagem foi adaptada adequadamente. A fala dos personagens foi registrada como manifestação informal e o narrador mostrou-se com uma linguagem mais culta. Os desvios linguísticos encontrados foram “*impilada*” (empilhada), “*aniversario*” (aniversário) sem acentuação gráfica e questões de pontuação.

**Grupo C** - Na produção da história em quadrinho, o grupo C conseguiu estabelecer uma relação de coerência entre o verbal e não verbal, demonstrando capacidade de usar os recursos linguísticos disponíveis nas diversas situações de uso, no caso, uma situação informal (diálogo), que permite uma linguagem coloquial. Então, os vocábulos usados por eles determinam perfeitamente este contexto em que as falas representam a cultura oral. Como exemplos desse contexto, usaram os seguintes termos: “*espermentar*” (experimentar), *ropa* (roupa), *dipois* (depois), *fantacia* (fantasia). Já, na elaboração da narrativa, os alunos conseguiram perceber a diferença entre linguagem formal e informal, pois, quando foram narrar o fato, usam a linguagem formal e, ao transpor a fala dos personagens, mudam para o informal. Porém, na escrita, tiveram alguns desvios fonéticos (verbo servir (*servil*), certinho (*sertinho*), espantalho (*ispantalho*). Outro aspecto que se pode verificar foi a falta de elementos coesivos na construção textual, que permitem o encadeamento do texto, dando a ele uma coerência sequencial. Isso se pode constatar na seguinte narração feita pelo grupo: “*Chico vê Rosinha botar a roupa que servil sertinho um ispantalho e fica bravo Rosinha e Rosinha diz:*”

**Grupo D** - Na produção da história em quadrinho, o grupo relacionou muito bem o contexto com a linguagem, sendo assim produziu um diálogo em linguagem informal. Usou termos como: *Pra, ocê, fazê, Tá bom*, dessa forma reconhecendo as variações da língua. Na sequência, com a produção da narrativa, conseguiram transpor o diálogo para o texto narrativo, conforme a proposta. Contudo, ao narrar os fatos, faltou vocabulário, não conseguiram contar a história e repetiam várias vezes as seguintes frases “*Rosinha fala:*”, “*Chico Bento fala,*” intercalando-as. Portanto, não construíram um texto narrativo, só relataram as falas dos personagens.

**Grupo E** - O diálogo das histórias em quadrinhos do grupo E mantém uma coerência textual do verbal com o não verbal. O léxico está associado ao contexto, que se pode verificar com os seguintes termos usados na conversação entre os personagens: “*Ocê*”, “*ta*”, “*so te botei*”, “*dava*”. Com isso, as alunas conseguiram, com criatividade, desenvolver o diálogo. Na escrita da narrativa, elas também tiveram coerência textual com início, meio e fim, possibilitando ao leitor estabelecer relações com o diálogo que souberam transpor para narrativa. Sendo assim, as alunas compreenderam as diferentes possibilidades de uso da linguagem. Perceberam que, no diálogo, a linguagem se torna

informal, porque representa a oralidade, ao passo que, na escrita, no caso, a narrativa exige uma linguagem elaborada, de acordo com as convenções gramaticais.

**Grupo F** - No texto F, as alunas conseguiram relacionar linguagem verbal com a não verbal produzindo um diálogo coerente, sendo criativas na elaboração da linguagem dos personagens. Dessa forma, observa-se o uso correto dos balões, em que cada gestualidade dos personagens foi bem expressa na linguagem escrita, demonstrando boa percepção na construção da linguagem, através dos desenhos. Como exemplo disso, temos os seguintes termos usados na oralidade pelos personagens da história: “*nuum, hum...*”, “*Tá lá! Ta lá!*”, e “*as ropas!*”. Os sinais de pontuação foram bem empregados (*E as ropas?, Rosinha!, Ta Lá! Ta Lá!, Hum..., Rosinha, Océ é linda!, Ain!!!*). Na elaboração da narrativa, souberam distinguir os gêneros textuais, pois narraram o diálogo em linguagem formal, conforme foi a proposta de trabalho.

**Grupo G** - Na elaboração do diálogo, a partir da história em quadrinho, o grupo manteve uma sequência lógica na construção da linguagem, possibilitando ao leitor uma perfeita relação entre discurso verbal e não verbal. Logo, na construção da narrativa, os alunos não usaram a linguagem informal, apenas narraram os fatos acontecidos em forma de um texto, contando toda a história. Sendo assim produziram um texto em linguagem formal, porém com alguns desvios fonéticos, que fogem à norma culta da língua portuguesa (*licheiro, impresário, experimentar*). Além disso, não formularam parágrafos, faltaram os elementos coesivos que ajudam a encadear uma ideia na outra, formando orações coerentes. Várias vezes alguns vocábulos foram repetidos, como se pode observar na seguinte oração: “*Numa tarde de sábado, Chico chamou Rosinha para brincar. Rosinha pediu para entrar na sua casa e viu um monte de roupa atirado. Rosinha pediu para ele experimentar algumas das roupas, a primeira roupa de Chico foi de licheiro e Rosinha não gostou, ...*”

**Grupo H** - A primeira proposta de trabalho foi a construção do diálogo a partir dos desenhos quadrinhísticos. Nessa atividade, as alunas desenvolveram toda a conversação dos personagens com bastante criatividade e percepção, demonstrando saber estabelecer uma conexão entre verbal e não verbal. Usaram termos coloquiais como “*Pra que?*”, “*experimenta*”, aquele “*mundaréu de ropas*”, “*tá bom*”, que caracteriza o próprio contexto de oralidade, num ambiente informal. Na elaboração da narrativa, o grupo soube narrar os fatos com criatividade, mas tiveram alguns desvios linguísticos da norma padrão. No início da narrativa, relataram logicamente os fatos, ao passo que, quando chegaram no meio da narrativa, faltou coerência entre o primeiro tópico frasal e o segundo, como se pode verificar nas orações a seguir: “*Ela abre a janela e diz para o Chico Bento entrar. Imediatamente, ele entra e pergunta:*

“- *Para que?*

- *Para experimentar as roupas.*

- *Ele diz:*

- *Aquela mudaria de roupa.*

- *Sim experimente que eu escolho a melhor.”*

Apesar disso, considera-se que as alunas perceberam a diferença entre linguagem formal e informal e as diversas formas de uso da língua. Somente tiveram dificuldade de manter a coerência naquele tópico descrito no *input* acima.

**Grupo I** - Os alunos escreveram o diálogo mantendo uma relação coerente entre linguagem verbal e não verbal. Usaram uma linguagem informal, percebendo o contexto de oralidade. Porém, ao construir o diálogo em tipo textual narrativo, não o fizeram, somente relataram as falas dos personagens. Como exemplo, observa-se:

*“Chico Bento diz: Rosinha vem qui na janela.*

*Rosinha responde: Oi! Chico vamos brincar?*

*Chico Bento fala: Mais do que?*

*Rosinha responde: De fantasia.”*

Conforme foi visto, na segunda etapa do desenvolvimento do trabalho, os alunos não conseguiram concluir o texto narrativo. Não narraram os fatos, apenas intercalaram as falas dos personagens.

**Grupo J** - Na construção do diálogo, por meio das falas dos protagonistas (Chico Bento e Rosinha), observa-se uma relação textual de coerência entre linguagem verbal e não verbal. Além disso, o grupo percebeu o contexto de oralidade e, usando a criatividade, conseguiu desenvolver o gênero. Os sinais de pontuação foram empregados, dando ênfase e coesão às falas. A narrativa constrói-se de forma clara, bom vocabulário, porém o uso incorreto de alguns sinais de pontuação, ou até mesmo, a falta do sinal, dificultou a compreensão dando incoerência à oração (*E Chico respondeu “craro.”*). Por fim, os alunos desenvolveram todas as etapas dos trabalhos propostos, demonstrando algumas dificuldades, quanto ao uso dos sinais de pontuação.

**Grupo K** - No texto K, os alunos construíram o diálogo e relacionaram, corretamente, a linguagem verbal e não verbal, dando sequência lógica a toda história. Empregaram os sinais de pontuação, como se pode perceber nas seguintes falas dos personagens: *Rosinha! Abre a janela. Ora! Chico como ocê tá?; Ocê! Qué intra?; Olá! Minha Rosinha linda!, Vem cá, no meu carto!; ua!; o que isso aí?*. Na história em quadrinho, os discentes souberam relacionar a linguagem ao ambiente, no caso, informal. Em seguida, construíram a narrativa, relataram adequadamente as falas dos personagens, mas omitiram algumas. Contudo, foram criativos, usaram sinais de pontuação, bom vocabulário. Quanto à ortografia, não houve desvios gramaticais.

**Grupo L** - Na construção do diálogo, as alunas estabeleceram uma relação de coerência entre linguagem verbal e não verbal, sendo assim a linguagem que representa a oralidade está presente em

todos os balões quadrinhísticos como se pode verificar nas seguintes falas: *Océ, océ...*, *ropas, in n n não, r r r r, brega*. A seguir, na elaboração da narrativa, o grupo não transpôs o diálogo para a narrativa como foi sugerido, porém construiu a narrativa criando outro diálogo. Apesar disso, seu texto é claro e coerente, bom vocabulário, os sinais de pontuação são empregados, possibilitando uma leitura linear da narrativa. Quanto à ortografia há apenas um desvio fonético, o qual representa a oralidade (*escolida*; escolhida).

**Grupo M** - A partir do desenho em quadrinhos impresso, o grupo criou um diálogo, estabelecendo uma conexão coerente entre o verbal e não verbal, demonstrando criatividade e percepção. Empregaram, corretamente, os sinais de pontuação, dando ênfase às falas. A linguagem representa o contexto de oralidade, como se pode observar nas expressões *esperimentar, ropa*. Na elaboração da narrativa, os alunos conseguiram narrar o diálogo em linguagem formal, possibilitando uma leitura linear com emprego de sinais de pontuação. Porém, além de ter narrado o diálogo em quadrinhos, proposto pela professora, os discentes ampliaram a história, dando uma nova versão para o final. Também se percebe, ao longo do texto, a falta de coesão entre os elementos que envolve o discurso. Vejamos a seguir:

*“Chico ficou bravo, porque aquela roupa não era para ele e Rosinha fala:  
- Ficou lindo!”*

Apesar disso, os alunos têm bom vocabulário, souberam desenvolver todas as propostas de trabalho, discerniram os contextos de linguagem e suas várias possibilidades de uso.

Como se pode observar, a maioria dos alunos relacionou a linguagem formal à situação que pedia maior conhecimento sobre a linguagem escrita. Quando se manifestavam com marcas de oralidade e informalidade, representavam a fala dos personagens. Dessa forma, pode-se afirmar que a noção de variabilidade linguística serviu para fortalecer as noções de língua padrão, pois a diferença entre o padrão e o não padrão foi observada na maioria das vezes. A partir disso, verifica-se a importância de estabelecer a noção de variabilidade para o aluno, sendo que demonstram capacidade cognoscitiva para discernir ambos, quando estimulados a desenvolver suas habilidades linguísticas tanto orais quanto escritas.

Outro aspecto foi a dificuldade de estabelecer uma relação de coesão e coerência entre os elementos que envolvem o texto, cuja estruturação das orações não foi promovida de modo pertinente em relação à sintaxe da frase. Esses aspectos não eram tão relevantes para a pesquisa, pois demandam reescritura do texto que possibilitam um domínio maior da escrita. Já os sinais de pontuação ajudaram na construção da coerência do texto, e os alunos empregaram tanto no diálogo quanto na narrativa, demonstrando um domínio em consonância com este recurso linguístico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de pesquisa, procurou-se averiguar os aspectos que envolvem a linguagem em seu contexto de uso. Uma perspectiva de ensino que faça o aluno compreender a língua como um fenômeno social e interativo, pois sem o outro não há interação. Há variabilidade linguística nas diversas situações de usos da linguagem e isso será dependente do grau de formalidade dos ambientes, além de outros fatores.

No processo de ensino e aprendizagem o professor é a peça fundamental para que haja um efetivo aprendizado do aluno, pois sem o comprometimento do professor com seus alunos, não há aprendizagem. O aluno deverá ser estimulado, ao longo de sua aprendizagem, para produzir textos criativos, que poderão torná-lo conhecido no seu meio social; fazê-lo pensar que alguém, ao ler, poderá achar interessante. Com isso, mostrará ao discente que escrever é uma atividade de interação social. Não agir como se a língua fosse governada pela gramática. Apresentar a ele todo o processo que se deve seguir na elaboração de textos, como as várias funções que a língua exerce na sociedade. A produção de textos não pode ser um mero apêndice do programa, ao contrário, torna-se uma função social de escrita.

No ensino das letras, não se pode esquecer que a excelência exige tempo, comprometimento e empenho contínuo; procurar superar os limites estreitos das salas de aula. Dentro dessa concepção, buscar maiores informações e tentar ensinar com novas perspectivas é uma meta básica para o professor do ensino médio e fundamental. Mostrar sempre aos alunos que se está continuamente em processo de aprendizagem, numa troca de conhecimentos e informações nos diversos gêneros é tarefa diária.

O trabalho com a sociolinguística possibilitou um contato maior dos alunos com a escrita e linguagem oral, em que o gênero histórias em quadrinhos foi escolhido para abordar esses aspectos linguísticos. Na aula, pode-se verificar o quanto os alunos gostam de ler as histórias em quadrinhos, talvez pelo fato da linguagem verbal e não verbal estarem representadas juntas, isso motiva os alunos à leitura. Outro fator interessante, nessa aula, foi como se deu o processo de compreensão da língua pelos alunos, através de um ensino a partir da variação linguística. Os alunos conseguiram perceber que existem várias formas de nos expressarmos, isso dependerá do ambiente em que estamos inseridos, das convenções sociais que exigirá do falante uma linguagem formal ou informal. Outro aspecto identificado por eles, quanto à variação linguística, é as relações sociais e culturais que envolvem o modo como algumas pessoas se expressam, bem como suas particularidades, reveladas na fala. O personagem Chico Bento, por exemplo, ajudou nesse processo de compreensão, pois seu estereótipo representa uma identidade, uma cultura que não é urbana. Optou-se por essa perspectiva de ensino não opressora da língua, mas, sim, libertadora, porque possibilita ao aluno estabelecer relações com sua língua materna, dando a ele autonomia.

O estudo a partir da variação linguística contribuiu para que os alunos pudessem desenvolver, com autonomia, suas habilidades linguísticas, demonstrando, assim, um progresso na construção do conhecimento que, fundamentada nessa perspectiva, possibilitou ao aluno uma maior competência linguística.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A Norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. 8. ed. São Paulo: Parábolas, 2003.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** São Paulo: Ática, 1987.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1995.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança**. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção de sentidos**. São Paulo: Contexto, 2000.

LUYTEN, Sonia M. Bibe (Org.). **Histórias em quadrinhos: leitura crítica**. São Paulo: Paulinas, 1984.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à sociolinguística**. São Paulo: Cortez, 2001.

PINHO, Angela. **Brasil fica no 88º lugar em ranking de educação da Unesco**. 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/1cO10ye>>. Acesso em: 3 maio 2011.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira**. São Paulo: Campi, 2003.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1989.